

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

REGISTO BIBLIOGRÁFICO.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1924 | Número: 34

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Registo bibliográfico. *Revista de Guimarães*, 34 (1) Jan.-Mar. 1924, p. 82-89.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O que fica exposto basta para dar um vislumbre da valia excepcional da obra de Alberto Sampaio, cuja leitura e cujo conhecimento se impõe a todos os que têm o amor do Passado, pois, como dizia Lemaitre: *Cet amour est une piété et une vertu. C'est le passé qui nous a faits: malheur á qui ne s'y intéresse point et honte á qui le méprise.*

Abril, 1924.

MANUEL MONTEIRO.»



Entra e conversemos, ó doce amiga. Nuvens de chuva teimosa sobrecenham o vencido e pálido sol de Maio. Uivam os sinos a defunto, entrecortando em soluços os repiques de missa, baçamente, na umbra nervosa desta manhã de domingo. Senta-te bem junto de mim e consente que, hoje, troque o amargo do teu nome simples e breve — tam grande como a humanidade — e meigamente te chame, apertando-te as mãos, «Tédio», pesado tédio mortal. Aqui me tens a receber-te na festa dos tristes, com as jarras cheias de rosas. Vê que lindo botão de oiro gemoso, em que os raios de púrpura subtilmente se adivinham, como as gotas pastosas de sangue por baixo da cutis da formosura. E a maravilhosa braçada de rosas vermelhas, de tantos vermelhos, do mais casto ao mais ardente. A alegre quermesse das rosas brancas em tufos odorantes... Até ao coração nos desce a magia do perfume, desatormentando-o ao de leve, em fuga espiritual, áqueles alvoroços da mocidade que não mais voltarão, quando todo o nosso pensamento era vasto jardim florido, e a nossa bôca, em segrêdo, beijava o mistério. Encosto-me ao teu seio e é dentro de ti, minha amiga, ó Dor tediosa, que eu sinto arquejar a minha revolta lassa, e deixo-me cerrar os olhos, à luz da tua simpatia dilacerante, como as crianças tímidas poisando-lhe nas pálpebras a vigia atenta da lamparina — assim custa

menos a adormecer na morte. Mas barra, fecha depressa as janelas atrevidas — vem da rua a brutalidade da vida e tal vida empesta e mata, ignominiosa. Ache-guemo-nos no recolhimento, como dois amantes envolvidos em luar, vogando assim à toa pelo rio da fantasia, entre chorões e salgueiros dum verde cinzento e suave.

Arte, sciência, filosofia, todos os livros alinhados na estante, comédias, sistematizações de direito, ordenanças de medicina, cada um dos mosaicos que formam os silhares da nossa choupana de amor, escuta, são esperanças que renascem de tenebrosas desilusões — e como as nossas volitam e passam; paroxismos de tortura crispando-se na ânsia do claro sol da alegria. Luta formidável e inútil! E todo êsse longo pensamento secular, ó minha terna companheira, nós o comungamos em supersticioso abandôno — para não pensarmos o nosso pensamento, cuja mesma longínqua eclosão, ainda abconsciente, nos arrepela de assombro e fulmina de mêdo. Tantos dramas, as volumosas feiras da literatura, espalhadas por aí em largas ondas e montões, consoladoramente nos servem de velário denso ao nosso drama horrendo. Estrêlas sarabandam esplendores no longo salão oriental e as máscaras desses duendes entrelaçam-se em danças frementes: é a fantasia aureoreal sepultando em treva a agonia de nosso atormentado coração. Estudar para suicidar nossa ideia; ler para morfínizar nossa sensibilidade — aí tens, ó carinhosa!

Falemos, pois, dos livros, minha amiga, que é a maneira mais delicada de escondermos as confidências ou de as dizermos como se não fôsem nossas, mas apenas vislumbres dos sentimentos alheios que até nós chegaram. Muito ao de leve e de fugida, escolhendo apenas os últimos e mais queridos. Sim, escreve-se muito, agora. De mais. Quantidade nociva à qualidade, porque, muito raro, a determina a febre da arte, antes, e a cotio, a epidemia do negócio, que depois de haver tiranizado os corpos, atacou as almas, construindo assim ao jeito essa beleza de sociedade luxuosa e pífia. Tornou-se difficilima essa escolha e de invejar será quem aparenta, que eu não o creio, dispor de tempo sobreceleante para abarcar o torrentoso prodígio da indústria livreira. Ah! mas não se assuste, en-

fronhada confidente, pois, como prometi não há um segundo ainda, lhe apontarei, dentre os ainda espalhados na mesa de leitura, à mão desta cadeira de técnica rude mas engenhosa, os que mais me enterneceram — e sem fazer maçagens críticas — longe vá o agoiro! Na primeira e melhor impressão, aquela em que a arte nos domina e transplanta, eu não sei esmerilhar as razões, certamente poderosas, do meu enlévo. A sensibilidade literária não se caleja do uso, porque a nossa própria exigência a depura. Não sei se conhece o *Dr. João Barreira*, vagamente médico, professor distinto, lá para Lisboa. Sim, não anda assoprado na clamorosa tuba. Talvez a nova onda se encolha desdenhosa. E? já uma razão? Podia apontar-lhe muitas outras. Não encontrei ainda criatura mais singularmente artista. São os olhos da mais viva e faiscante inteligência, que perscrutam, minuciam e sorriem. A sua conversa, com tonalidades de esmalte, ouve-se como quem está vendo e lidando com a cultura inteligentemente disposta e exercida ou com a anedota romântica apanhada em flagrante. A sua vida decorre metodizada pela liturgia do grande, do sentido fervor artístico. Faz da pena o cinzel do estatuário e da palavra o flaubertismo da reprodução colorida, cheia de pitoresco e de graça. Leia, de manso, como numa manhã de praia, estas páginas de *A Morte do Imaginário* e diga-me se em língua portuguesa, burilada e plásmica, com tanta ductilidade como certeza, já viu, de há um bom par de anos, novela de tam maravilhosa beleza. Confissão de artista, que só a dor do artista, no afan da lida trabalhosa, pode interpretar ou compreender. E veja, depois, como de um livro de ensino, agradável e útil a todos nós, embora muito prosapietos de saber, o engenho subtil e a vocação espontânea e invencível conseguem fazer uma história palpitante de vida — *A Arte Grega*. Repare nesses trechos verdadeiramente clássicos, na precisão e na forma, em que o autor nos descreve o carácter da arte e da civilização grega como resultante da fusão de iónios e dórios, as causas da supremacia da escultura entre toda a arte maravilhosa do povo helénico, a escola de Fídias, encarregada por Péricles dos trabalhos da Acrópole, o autor das Atenas de Lémnia, erguida junto da oliveira

sagrada — é um velho símbolo. . . —, Prómacos e Pártenos, o imortal criador da escola ática do século V, conjugando o sensibilismo sonhador, a modelação elegante e fluida dos iónios com a estratégia e calma, a plásmica anatomística dos dórios, escola a que pertenceram Agoracrito, Alcámenes, o estatuário da Afrodite dos Jardins, copiada, segundo alguns, na Venus Génitrix do Louvre, Calímaco, o cinzelador da lâmpada de bronze a Atena Polias, que elevava o fumo até ao tecto da cela. Explica a seguir a transição da «severidade fidiana» para «êsse fino toque de cinzel que acaricia as epidermes e os panejamentos vaporosos», período em que marca o trabalho de Scopas na expressão plástica do rosto humano. Assim se prepara a arte sensual de Praxiteles, modelando Frineia, sua amante, estatuando andróginos, e a quem sucede Lisipo, o naturalista. Que educado e fino espírito êsse, ao descrever e interpretar a Vitória da Samotrácia e a Vénus de Milo, essa Nossa Senhora da Beleza, como lhe têm chamado! Laocoonte fecha o período helenístico. Ainda em capítulos modelares, com poderosa síntese, que as suas mãos aligeiram sem que o cansaço nos prenda, estuda a cerâmica, donde nos sorriem as figurinhas de barro, as famosas Tanagras, a glíptica e a torêutica. Livro dum professor consciencioso, dos mais aturados e vastos conhecimentos na história da arte, é também a obra carinhosa de um dos mais belos escritores do nosso tempo.

E aqui lhe mostro já, de professores também, outras produções de que se não pode dispensar, sem grosseira falta, a estante, embora modèstinha, de um português de mediana cultura — são as «*Eclogas*» de *Bernardim Ribeiro*, com uma introdução e notas do *Dr. Marques Braga*, ilustre professor do *Liceu de Pedro Nunes*. A introdução é um curioso estudo sôbre — *A Psicologia Portuguesa na Literatura*. Desde os *Cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e de Colocci-Brancuti* se afirma a sintomalogia do carácter português — «ternura, affectuosidade, saudade». Apresenta Bernardim Ribeiro como representante do «lirismo alentejano» e fere esta observação justíssima: «A sua linguagem é duma grande simplicidade mas tem um encanto poderoso e absorvente. Algumas vezes, não se

resiste ao *gôsto amargo* do seu ritmo musical, embalador, que nos obriga a parar comovidos...

Os males, que são sem cura,
mal os pode outrem curar;
nem na gram desventura
não há mais que aventurar,
que deixar tudo à ventura.

E conclui: «Em setecentos anos de Vida Literária o que avulta na Literatura Portuguesa — é a floração exaltada do subjectivismo lírico e a simplicidade emocionante e verdadeira da prosa». E o *Camões Lírico — I — Redondilhas* — do nosso querido *Dr. Agostinho de Campos*. Eu lhe digo, com despida franqueza, que neste volumezinho, tam fresco e encantador, de tam meiga suavidade, está a verdadeira, a grande homenagem ao poeta. E' uma obra nova, metódica, analítica, precisa, mas tôda ela trabalhada com devotado carinho — nova no sentido em que nos dá a leitura dos versos camoneanos pelas preciosas notas de que os acompanha. Cada redondilha é enquadrada no comentário crítico, onde encontramos o argumento, a métrica, o género da poesia, como encontrá-la em outras edições, o vocabulário, ou o sentido biográfico, a apreciação do texto, a lição perfeita, meticulosa, que nos elucida e revela o seu valor, formando assim o exame completo do génio e da obra de *Camões*. E que maguada e perturbante delícia esfiar como contas de um rosário, lenta e amorosamente, as cantigas, os motes, os vilancetes, as glosas...

Dama de estranho primor:
se vos for
pesada a minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a converto em amor.
E se cuidais
de me matar quando usais
de esquivança,
irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais.

Cerram-se os olhos e vamos triste e compassadamente repetindo, como no recordar das nossas mais santas loucuras

...irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais...

Logo aqui o maravilhoso prosador — *Raúl Brandão*. Custa-me, mas vai a confissão, minha doce amiga — é uma prosa que me tortura. Não sei que estranho domínio exerce sobre os meus nervos que, ao fim de algumas páginas, me sinto aflito, a suar frio, enclavinando as mãos, quasi a gritar que me não asfixiem. Chego a cair doente se teimo, então, em absorver o veneno de jóias liquefeitas, em cujo esverdeado fundo brilhante se precipita a torva amargura ridícula. Mas neste livro — *Os Pescadores* — não. Sorve-se o ar da marezia e a luz, o verde — o verde ou azul? — do céu e do mar. São aguarelas magníficas, delirantes de côr, frescas de espuma. A paisagem marinha deslumbrou-o. Nos olhos do artista, sentem-se escorrendo chuviscos de arco-íris. Quando o seu génio literário mais se particulariza, dando a mancha, aquela forte mancha de dor, a página então é soberba de beleza.

E já com este mestre querido, em cuja alma se crispam todos os latejantes anseios da paixão e da amargura humana, eu lhe recomendo outro privilegiado temperamento de artista — *Júlio Brandão* — de quem temos aqui a terceira edição da *Maria do Céu (Cartas de Marcelo)*. Nada há de somenos na obra cuidada do escritor distintíssimo. E' um nobre sentimento dominando e esclarecido por uma ternã, alumiada e compreensiva inteligência. Sentimento não apiegado, mas sentimento-acção, um dia porventura ferido pelo mais belo amor — às coisas simples, ao sofrimento obscuro, à vasta agonia anónima — grande na sua devoção à paisagem acariciadora, aos luars de fada, ao brasido da lareira, à canção do campo, ao velho roble, à princezinha encantada e ao galhardo pagem trovadoresco, e conservando, por magnífico prodígio, na inquietação e no sonho, aquele estado de bondade e colorido, de tímido entusiasmo e doce tristeza que o dealbar da mocidade acendem no coração do poeta. Note as excellentes qualidades do estilo — dúctil, variado, pictório e comovido, sabendo rir e chorar, sempre enlevante.

Vai-se fazendo tarde, minha gentil perseguidora, e eu queria ainda falar-lhe do muito mais que me

prende nos derradeiros dias. De *Carlos de Passos*, moço escritor que se apegou a velharias e tem contribuído com notáveis subsídios para os nossos estudos históricos. Nestas *Lembranças da Terra*, crônicas históricas do Pôrto, com assêrto declara: «Através, porém, tantas virtudes e acções, poucos de seus filhos por sua história se têm devotado, a raros se aponta a nobre tarefa de a iluminar, espargir e honrar; e por isso é que ela — a história do heróico e valoroso burgo portucalense — está por fazer». O livro contém vinte estudos muito interessantes, bem documentados, inteligentemente descritos e que o autor faz reviver numa linguagem de feição, de sabor antigo, mas clara, não obstante a ornamentação e bizzarria do estilo. De *Norberto de Araújo*, que na *Vinha Vindimada* se afirma um bom prosador. Da *Revista Literária*, indispensável aos que se interessam pelo nosso movimento nas letras, criteriosamente dirigida por *César de Frias*, bom escritor e esforçado na lide, e da qual fiquei aguardando com curiosidade o prosseguimento. Do *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, preciosa colectânea de cantigas populares. Ao seu autor, *Fernando de Castro Pires de Lima*, filho do sábio professor *Dr. J. A. Pires de Lima*, com os louvores pelo seu aturado e consciencioso trabalho de investigação e respiga, tam útil para melhor compreensão da grande alma popular, dirigiria, se pudesse, o mais vivo estímulo a embrenhar-se no caminho encetado e para o qual revela a mais formosa aptidão. *Emanuel Ribeiro*, num opúsculo tam interessante como agradável, diz-nos que... *O Doce nunca amargou...* e faz-nos vir água à bôca, a nós esquálidos descendentes duma raça de comedores formidáveis, evocando as saborosas doçarias dos nossos conventos. Aponta, de cada terra, a sua especialidade: é a mais apetitosa das corografias, e detém-se, com sentida delicadeza de gôsto, na apreciação das rendilheiras do papel com que se enfeitavam as bocetas e caixas de doce. E para que a fome nos não arremeta em fúria, dá-nos uma bem escolhida colecção de receitas tradicionais. *Contribuição para o estudo das dermatomicoses no norte de Portugal* é a tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto, do *Dr. Alexandre Lima de Castro Carneiro*. Não costumo pôr de lado

estudos desta natureza, antes sempre busco, com natural simpatia, no trabalho dos novos o entusiasmo benéfico da sua intelligência e acaricia-me encontrar amor ao trabalho. A tese proposta logo atrai pela carência de investigações similares, pela simpatia que determinou o autor na escolha do assunto e pela sua manifesta e desprezada utilidade. A tinha é um flagelo dos campos, das crianças pobres e alastra nas escolas: «em vários asilos da infância, anota o jovem médico, existem verdadeiros focos de tinea», e conclui, depois de bem elaborados capitulos, onde enuncia e descreve os casos observados e várias culturas, a que procedeu, dos agentes da dermatomicose, pela necessidade da criação dum asilo de tinosos e da inspecção médica e rigorosíssima «em tôdas as escolas e internatos infantis». Do muito apreciado e illustre colaborador da *Revista de Guimarães*, o distinto professor *Dr. Pedro Vitorino*, mostro-lhe — *O Sebastianismo na Iconografia Popular* —. O tema seduz a sentimentalidade lusa, sempre esperançada no milagre de *um homem*. Completo, documentado, com uma crítica notavelmente arguta. Os materiais, reproduzidos em boas gravuras, têm e despertam a maior curiosidade. Pois se há ainda alguém a dizer que D. Sebastião não morreu de todo... «Supremo devaneio, no dito de Aristóteles, de quem sonha acordado!»

Antes de nos separarmos, porque já me tarda o de novo me enfronhar naqueles tantos livros novos que me estão chamando, mostro-lhe uma novidade, o *Almanaque de Ponte do Lima*, organizado por um velho amigo e antigo condiscípulo, o *Dr. António de Magalhães*, integro Juiz de Direito em Vieira do Minho. Bem apresentado, magnificamente colaborado, reúne artigos históricos da melhor valia, com várias e apreciáveis gravuras. Também a colaboração é selectíssima. Organizado como está, não pode prescindir-se na biblioteca, mesmo pequena e escolhida, dos que se interessam pelas nossas antiguidades históricas. E... Perdoe-me, já conversei demais.

EDUARDO D'ALMEIDA.



: Verde Esperança :

Líricas
de
Jerônimo de Almeida

Tip. Industrial — Guimarães

Verde Esperança é um lindo e sugestivo título que emoldura perfeitamente, e a calhar, tôda a inspiração sentida do poeta, inspiração feita de sensibilidade marcante e de delicadeza apurada, donde sai um fio doirado de acentuada religiosidade e de amor aos encantos da terra e às belezas dos campos, fio que

enastra e prende às composições de frescura e singeleza e àquelas de mais elevado pensamento, parcelas do seu coração bem formado, em amores e sonhos, parcelas muitas, sabendo rir, cantar, voando em liberdade pela largueza da vida e pela luz da maravilha, em sofrimentos e dores, parcelas ainda mais, retalhos feridos de esperanças e ilusões perdidas, sabendo então chorar e levar em penitência a sua cruz, amparando em conforto a cruz da legião dos Lázaros que se arrasta na penúria duma miséria de desgraça e morte. |

Gostei, porque é um livro sentido.

E eu, em franqueza o digo, aprecio mais pelo coração do que pròpriamente pelo saber.

Há frescura, há encanto, há lágrimas e amor.

Desde que o coração dum poeta vibre em sentimento, sem esforço nem pieguice, a nossa alma ajoelha em respeito.

Pelo seu livro e pelas suas palavras, fica-lhe agradecido o

ALBERTO V. BRAGA.